

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 21 | Nº 62 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14941940>



ALGOSPEAK NA ORDEM DISCURSIVA DO INSTAGRAM: A SUBVERSÃO DO ALGORÍTMO¹

Matheus Silva Barreto²

Regina Baracuh³

Rafaela Cláudia dos Santos⁴

Luzineide Vieira de Sousa⁵

Liliane Luz Alves⁶

Resumo

Este estudo apresenta a influência dos algoritmos na regulação dos discursos pelos sujeitos no espaço digital do Instagram, com foco na linguagem Algospeak, uma estratégia discursiva utilizada para driblar os mecanismos de monitoramento algorítmico. O objetivo desta investigação é analisar como essa linguagem aponta para o funcionamento dos algoritmos e sua capacidade de instaurar uma nova ordem discursiva no Instagram, condicionando as práticas discursivas dos usuários. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e descritivo-interpretativa, ancorada nos Estudos Discursivos Foucaultianos. O método arqueogenealógico orienta a análise, combinando a arqueologia do saber, para examinar os saberes que sustentam as técnicas de controle linguístico, e a genealogia do poder, para compreender as forças que regulam os discursos e definem suas condições de existência. O corpus consiste em quatro enunciados materializados em vídeos em formato Reels, publicados pela página de notícias @metropoles no Instagram. Os resultados indicam que os algoritmos operam no controle, na organização e circulação dos discursos. Contudo, a emergência da linguagem Algospeak se configura como uma prática discursiva inovadora, em que os sujeitos ressignificam as suas subjetividades.

Palavras-chave: A Ordem do Discurso Algorítmico; Estudos Discursivos Foucaultianos; Linguagem Algospeak.

Abstract

The study's theme presents the influence of algorithms in regulating discourses by subjects within the digital space of Instagram, focusing on the Algospeak language, a discursive strategy used to bypass algorithmic monitoring mechanisms. The objective of this investigation is to analyze how this language points to the functioning of algorithms and their ability to establish a new discursive order on Instagram, conditioning users' discursive practices. The research adopts a qualitative and descriptive-interpretative approach, anchored in Foucauldian Discourse Studies. The archaeogenealogical method guides the analysis, combining the archaeology of knowledge, to examine the knowledge that sustains linguistic control techniques, and the genealogy of power, to understand the forces that regulate discourses and define their conditions of existence. The corpus consists of four enunciations materialized in Reels-format videos, published by the news page @metropoles on Instagram. The results indicate that algorithms operate in the control, organization, and circulation of discourses. However, the emergence of the Algospeak language constitutes an innovative discursive practice in which subjects reframe their subjectivities.

Keywords: Algospeak Language; Foucauldian Discourse Studies; The Algorithmic Order of Discourse.

¹ A presente pesquisa contou com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: matheusbarreto218@gmail.com

³ Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Linguística. E-mail: mrb1@academico.ufpb.br

⁴ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: rafaelaclaudiasan@gmail.com

⁵ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: lvsousa@unepb.br

⁶ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: lililuz@gmail.com



INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pela presença dos algoritmos, que moldam e definem o funcionamento do ambiente digital. Longe de serem meras ferramentas neutras, eles desempenham um papel central na vigilância e no controle social, monitorando comportamentos, influenciando decisões e condicionando escolhas. Tudo isso, de maneira muito sutil e quase imperceptível. Assim, considerando essa nova dinâmica, que emerge na mídia digital, colocamo-nos frente à seguinte problemática: os algoritmos, por meio de uma vigilância ininterrupta e estratégica, têm controlado e monitorado a vida dos sujeitos, suas subjetividades e seus discursos.

Para aprofundar as discussões em torno dessa problemática, este estudo tem como foco a linguagem *Algospeak*, um fenômeno discursivo que consiste na codificação de palavras com o intuito de burlar os mecanismos de monitoramento algorítmico. Neste estudo, nosso objetivo é analisar como essa linguagem destaca o funcionamento dos algoritmos e sua capacidade de criar uma nova ordem discursiva, que organiza e regulamenta práticas discursivas no Instagram.

A relevância desta investigação se sustenta na crescente atenção que a temática tem recebido, a partir de discussões em diferentes áreas do conhecimento. Para o campo da Linguística, a análise da *Algospeak* contribui na compreensão dos impactos dos algoritmos sobre a linguagem e o discurso, trazendo um olhar inovador sobre essa relação. Nessa perspectiva, os Estudos Discursivos Foucaultianos fornecem subsídios para refletir as relações entre saber/poder e subjetividade que atravessam as práticas discursivas contemporâneas.

Dessa maneira, o referencial teórico percorre os caminhos epistemológicos e procedimentais de Michel Foucault, que orientam a abordagem qualitativa e descritivo-interpretativa adotada, com enfoque na noção de: sujeito, discurso, práticas discursivas e não discursivas, enunciado e procedimentos de controle e produção dos discursos.

Para tanto, utilizamos o método arqueogenealógico, que combina as fases de investigação foucaultiana: a arqueologia do saber e a genealogia do poder, incluindo as dimensões da ética e da estética de si. De todo modo, nos deteremos mais à arqueologia do saber, para mostrar no dispositivo midiático os saberes circunscritos a técnicas de controle no campo da linguagem, bem como à genealogia do poder, para tratar das forças dos poderes que regulam os discursos, daquilo que pode ser dito e por quem em quais condições.

Considerando essa dinâmica dos discursos, interessa-nos investigar em quatro enunciados materializados em Reels publicados pela página de notícias @metropoles no Instagram, a série de acontecimentos discursivos que irromperam a ordem dos algoritmos.



Feitos esses apontamentos, para além desta introdução, organizamos este texto da seguinte forma: na próxima seção, realizamos uma discussão teórica das proposições de Foucault, atravessando o funcionamento dos algoritmos e sua influência sobre os discursos digitais. Em seguida, detalhamos a metodologia utilizada na pesquisa. Na sequência, trazemos as análises dos dados coletados, explorando os usos do *Algospeak* e suas implicações discursivas. Por fim, apresentamos as considerações finais, ressaltando as principais conclusões do estudo e apontando possíveis desdobramentos para pesquisas futuras.

INCURSÕES DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

As contribuições de Michel Foucault como base teórica têm desempenhado um papel fundamental para a disseminação das ideias do filósofo em pesquisas em Análise do Discurso (AD) no Brasil. O aprofundamento desses estudos permitiu que seus sucessores consolidassem os chamados Estudos Discursivos Foucaultianos (NAVARRO, 2020). Esse processo foi impulsionado pela persistência e pelos avanços das discussões promovidas por grupos acadêmicos de norte a sul do país.

A partir da década de 1960, o filósofo Michel Foucault iniciou suas investigações em torno da constituição do saber - momento arqueológico. Ele buscava compreender a complexidade dos saberes alicerçados e legitimados pelas instituições. Tomemos por exemplo a escola que assegura no estruturalismo o ensino da linguagem pela gramática, desconsiderando, na maioria das vezes, a diversidade linguística (FOUCAULT, 2019).

Entendendo que essa abordagem também reflete questões relacionadas ao poder, na década seguinte - 1970, Foucault direcionou o olhar para o exercício do poder, tratando-se da genealogia, que vai buscar à frente as relações estabelecidas entre saber e poder. Para o filósofo, o poder não se restringe a um instrumento de repressão, mas se manifesta em modos de ação nos quais determinados sujeitos exercem influência sobre outros (FOUCAULT, 2009). Nessa perspectiva, o poder é visto em funcionamento, que se move e transita em relações assimétricas na sociedade.

No entanto, o foco da pesquisa foucaultiana sempre foi a constituição dos sujeitos, que foi seu grande objeto. Ao depararmos com a problemática do sujeito, emergem inquietações fundamentais do momento genealógico que compreende a ética e estética da existência, que interferem nos processos de subjetivação e na constituição dos sujeitos (GREGOLIN, 2006). As questões que se impõem são: quem somos nós hoje? E, mais importante ainda, como podemos ser diferentes perante o controle das instituições que objetivam os sujeitos?



Essas questões encontram respaldo no conceito de Ontologia Crítica do Presente, formulado por Foucault (2006b) para entender a constituição dos sujeitos e suas subjetividades. Mais do que oferecer um diagnóstico ou uma descrição simples, essa perspectiva busca examinar a constituição das subjetividades e a forma como os discursos de cada época modulam as verdades que atravessam os sujeitos. Havendo uma relação mútua entre sujeito e discurso, alicerçados em relações de saber-poder (JESUS; VIEIRA, 2023).

Em se tratando das discussões em torno da noção de discurso, Michel Foucault o define na obra “A Arqueologia do Saber” (2019), como um conjunto de enunciados que possuem regularidade e estão inseridos em determinadas condições históricas e institucionais. Para o autor, o discurso não é apenas um conjunto de palavras ou textos, mas uma prática que constrói a realidade, funcionando dentro de regras que determinam o que pode ser dito e pensado em um momento de realidade. Nessa compreensão, o discurso é sintetizado, conforme Gregolin (2004, p. 36), como “plenitude e riqueza indefinida”.

Tal definição nos leva ao entendimento da produtividade do discurso e que:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2019, p. 31).

Pensando nisso, o discurso faz-se a partir dos jogos de verdade e da multiplicidade de sentidos que envolvem práticas discursivas e não discursivas. No caso das práticas discursivas se articulam entre o enunciável e o visível que legitimam os saberes institucionalizados, já as práticas não discursivas são os meios que engendram o discurso com esses saberes mencionados.

Para esta pesquisa nos interessa a forma como os discursos são atravessados por mecanismos de controle, que funcionam como aparelho normatizador para modular as subjetividades do sujeito. Na aula inaugural do filósofo Michel Foucault no Collège de France, no dia 02 de dezembro de 1970, intitulada “*A Ordem do Discurso*”, o arqueogenealogista explorou a relação entre discurso, saber e poder, refletindo sobre os mecanismos que controlam, delimitam e organizam a produção dos discursos na sociedade. Com olhar crítico e minucioso, ele demonstrou como as instituições não apenas regulam o que pode ser dito, mas também determinam quem tem o direito de falar e com que autoridade, revelando que o discurso é sempre atravessado por relações de poder. Conforme o autor:

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus



poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Em outras palavras, a produção discursiva não ocorre de maneira espontânea, mas está circunscrita a procedimentos que a regulam e orientam. Ao longo da obra, Foucault destaca dois tipos de procedimentos: os externos, nos quais o discurso é condicionado por instâncias sociais que determinam sua circulação e legitimidade; e os internos, que operam no interior do próprio discurso. Neste estudo, especificamente, concentramos nossa análise nos procedimentos externos.

Os procedimentos externos de controle do discurso são divididos em três categorias, que funcionam como sistemas de exclusão: interdição, separação e/ou rejeição e vontade de verdade. Para fins desta análise, no entanto, detemo-nos em dois desses procedimentos — a interdição e a vontade de verdade.

- a) A **interdição** diz respeito à fala/palavra proibida, visto que não temos o direito de dizer tudo aquilo que desejamos (qualquer coisa) em qualquer circunstância. O fato é que somos imbuídos por instituições que determinam, por meio de um conjunto de regras, o que será interdito ou não em nosso dizer. Há três tipos de interdição que de uma forma ou de outra se entrecruzam: tabu do objeto (o que deve ser dito e como fazê-lo); ritual da circunstância (o que determinada circunstância permite que seja dito); e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (qual sujeito é autorizado para falar).
- b) A **separação** e/ou **rejeição** refere-se à validação (e não) do discurso e, acrescentamos, do sujeito. Aqui observamos uma prática divisória que separa e classifica os sujeitos entre quem têm autonomia/legitimidade para falar dos que não têm. O livro “A Ordem do Discurso” exemplifica essa prática fazendo uma oposição entre razão e loucura, ao passo que os loucos, por sua condição patológica, têm seu(s) discurso(s) anulado(s).
- c) A **vontade de verdade** rompe com a dicotomia histórica entre verdadeiro (verdade absoluta) e falso (ausência de verdade). Quando Foucault trata das vontades de verdade, ele pretende transgredir essa dicotomia, afirmando que não há verdade absoluta, mas verdades alicerçadas por vontades que correspondem a interesses de uma dada época, período. Ou seja, a verdade para Foucault é transitória, pois aquilo que pode ser verdade hoje é possível não ser amanhã e as instituições, maiores responsáveis pela determinação dessas vontades de verdade, utilizam-se de práticas que englobam estratégias de saber-poder como forma coercitiva para impor as suas verdades sobre os sujeitos.

Retomando as reflexões sobre a tríade foucaultiana inseparável: saber, poder e discurso, emerge a noção de dispositivo (FOUCAULT, 2009), que é a rede estratégica que opera no controle e efetivação dessa ordem do discurso, constituída por discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Tais elementos, que compõem esse dispositivo, sejam eles discursivos ou não, existem por um jogo no qual a posição do sujeito se modifica continuamente, no centro desse dispositivo de saber-poder, assim como as funções desempenhadas por esses diferentes componentes.



Gilles Deleuze (1990), interlocutor de Michel Foucault, sintetiza esse conceito complexo ao compará-lo a um emaranhado de linhas. É a partir dessa leitura deleuziana do dispositivo que nos concentramos neste estudo.

Recorremos às proposições deleuzianas (2016), em diálogo com Foucault, para tratar do conceito de dispositivo. Deleuze afirma que o dispositivo é um novelo ou meada composto por linhas que se afastam ou se aproximam uma das outras, formando processos sempre em desequilíbrio. De acordo com o autor (1990), há quatro linhas que caracterizam o dispositivo: as **linhas de visibilidade** - em que o dispositivo tem seus regimes de luz para controlar a visibilidade (visível e invisível); as **linhas de enunciabilidade** - em que o dispositivo tem seus regimes de enunciação para controlar a dizibilidade (visível e enunciável). Esta relação entre o que se mostra e o que se diz é controlada sobremaneira por poderes que contêm o dispositivo, e esta é justamente sua terceira dimensão: as **linhas de força**.

As linhas de força ou linhas de objetivação tratam exatamente da dimensão do poder. Como aponta Deleuze (1990), são flechas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras. Ou seja, as linhas de objetivação agem por meio de estratégias - como os algoritmos - para controlar e normalizar a vida dos sujeitos. Essas linhas vão atuando sob o sujeito, produzindo suas subjetividades, até mesmo para escapar delas próprias, é quando surgem as linhas de subjetivação ou **linhas de fuga**.

As linhas de fuga configuram-se como forças de resistência ou contrárias, frente às tentativas de disciplinarização e normalização impostas por poderes institucionais ou normativos. São precisamente essas linhas que possibilitam aos sujeitos criar novas formas de subjetividade, para subverter aquilo que os "aprisiona", desafiar uma ordem vigente e, assim, alcançar um certo grau de "liberdade".

Esse cenário teórico-discursivo servirá como base para explorarmos uma ordem do discurso algorítmico, estruturada por duas linhas: a de objetivação ou de força, por meio do algoritmo que opera no controle e vigilância e a de subjetivação ou fuga, representada pela linguagem *Algospeak* que reage a essa ordem. Na seção seguinte, aprofundam-se as discussões sobre os algoritmos e a linguagem *Algospeak*.

A LINGUAGEM ALGOSPEAK: UMA (NOVA) ESTRATÉGIA DOS USUÁRIOS PARA DRIBLAR ALGORITMOS

As discussões sobre os algoritmos têm gerado bons trabalhos nas ciências humanas, porém, para o campo da linguística apresenta-se inovador pensarmos com foco nos Estudos Discursivos Foucaultianos, haja vista a escassez de trabalhos publicados sobre esse viés. Além do mais, embora os algoritmos sejam utilizados há mais de duas décadas para examinar os conceitos matemáticos e



simbólicos, com o advento dos processos que envolvem Inteligência Artificial (IA), eles se ressignificaram através de modelos de linguagem e programação de computadores, que têm impactado diretamente a vida dos sujeitos contemporâneos (BINDER, 2022). Nessa conjuntura, as táticas utilizadas de forma inovadora pelos usuários, servem para “burlar” esse complexo sistema algorítmico.

A princípio, faz-se necessária a definição da noção de algoritmo. Em publicação na revista científica PoliTICS, Doneda e Almeida (2016, n.p.) estabelece o conceito de modo bem didático. Vejamos:

Algoritmos são basicamente um conjunto de instruções para realizar uma tarefa, produzindo um resultado final a partir de algum ponto de partida. Atualmente, os algoritmos embarcados em sistemas e dispositivos eletrônicos são incumbidos cada vez mais de decisões, avaliações e análises que têm impactos concretos em nossa vida.

De maneira complementar, Cormen *et al.* (2002) afirma que algoritmos são sequências organizadas de passos ou instruções que resolvem problemas ou realizam tarefas específicas. Trata-se de uma espécie de "receita" lógica que orienta programas computacionais, a fim de alcançar com precisão determinados resultados. Na prática, durante o momento em que estamos fazendo uso do ambiente digital, os algoritmos capturam nossos dados e comportamentos, traduzindo-os em informações personalizadas sobre cada indivíduo. Nossas interações — como cliques, curtidas, compartilhamentos e até movimentos do cursor do mouse — deixam rastros digitais, que os algoritmos utilizam para construir perfis detalhados de preferências individuais.

Dessa forma, os algoritmos, nas mídias digitais, analisam massas de dados para categorizar e hierarquizar sujeitos, determinando inclusive seu valor social e econômico. Esse processo aprofunda desigualdades, pois os critérios usados são frequentemente opacos e os afetados não têm como contestar as decisões que os excluem. (PASQUALE, 2015)

Isso serve como reflexão para olharmos o funcionamento algorítmico na rede social Instagram. Os sistemas de programação dos algoritmos balizam condições de possibilidade para impetrar sua própria ordem do discurso no ambiente digital, por intermédio de estratégias de saber-poder e vontades de verdade legitimadas por diretrizes políticas da própria plataforma.

A relação entre os algoritmos e a teoria foucaultiana pode ser compreendida a partir de seus conceitos de saber, poder disciplinar, biopolítica, governamentalidade e vontade de verdade. Frank Pasquale, em "The Black Box Society" (2015), descreve como os algoritmos atuam como mecanismos invisíveis de controle e classificação, alinhando-se às formas de poder descritas por Foucault e à transição para a sociedade de controle, conforme teorizada por Gilles Deleuze.



Em vista disso, os corpos se inserem nas táticas de controle e vigilância permanentes dos algoritmos do Instagram e são classificados e ordenados com base em dados ocultos, levando os sujeitos a ajustarem seus comportamentos, para não serem capturados e, por conseguinte, banidos do ambiente virtual pelas punições invisíveis (PASQUALE, 2015). “The Black Box Society” (PASQUALE, 2015) permite-nos entender que o ambiente digital se torna um espaço onde conhecimento e poder se entrelaçam, impedindo a contestação e reforçando desigualdades invisíveis. Nesse caso, a modulação contínua do comportamento humano mostra que o controle contemporâneo não é exercido pela coerção direta, mas pela administração invisível das possibilidades de existência dos sujeitos.

Assim, reconhecemos que as práticas de saber-poder estabelecidas entre os algoritmos e os sujeitos ocorrem de forma capilar e extremamente controlada. Normalizamos essa prática, que controla e determina nossas subjetividades, por duas razões principais: primeiro, porque se mostra produtiva, em certa medida, ao oferecer o que (não) precisamos; segundo, porque é muito difícil romper essa ordem.

De todo modo, é inerente ao sujeito buscar meios para desobedecer (GROS, 2018), isto é, de se subjetivar contra as amarras sociais. Identificamos uma expressiva linha de fuga que se contrapõe à ordem determinada pelos algoritmos: a linguagem *Algospeak*.

Segundo Hishamudin Isam (2024), *Algospeak* é uma linguagem que compreende um conjunto de códigos e símbolos para contornar algoritmos e filtros de moderação de conteúdo nas redes sociais. Os usuários modificam ou substituem, por meio de uma comunicação criativa, termos considerados "impróprios" ou "sensíveis" pelas plataformas, empregando expressões alternativas ou símbolos que mantêm o significado original, mas dificultam a detecção pelos sistemas automatizados - a exemplo de mat4r (matar), est3pro (estupro), ass3dio (assédio).

Esse fenômeno é diferente de outros tipos de netspeak (linguagem informal utilizada na internet, caracterizada por abreviações, acrônimos, emoticons e outras expressões que facilitam a comunicação rápida em ambientes digitais, como redes sociais, salas de bate-papo e mensagens instantâneas) como Chatspeak - em bate-papos - e leetspeak - em jogos online, porque não tem apenas um propósito estilístico ou comunitário, mas sim um objetivo estratégico: evitar interdição e garantir visibilidade dos conteúdos (STEEN; YURECHKO; KLUG, 2023)

Ainda sob as investigações de Isam (2024), essa linguagem foi utilizada e ganhou notoriedade, à medida em que os usuários adaptaram seu modo de comunicação no conflito entre Israel e Palestina como forma de driblar os sistemas algoritmos no sentido de haver uma interação e passar a informação sem serem interditos com a remoção de suas postagens e até mesmo sofrer outras sanções, no caso do Instagram, perderem o acesso à plataforma.



Em relação às plataformas sobre essa linguagem, pode-se observar uma nova estratégia de captura desses códigos na comunicação digital através da IA, que tem possibilitado que os algoritmos apreendam a regularidade desse mecanismo para subverter seu controle. Pensando nessas frestas (linhas de fuga) com Deleuze ou na microfísica do poder com Foucault, cria-se uma arena discursiva que mobiliza disputas entre saber e poder no ambiente digital.

Observa-se que as linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995) materializam-se por meio das práticas discursivas associadas à linguagem *Algospeak*. Esta linguagem revela, não apenas uma estratégia de driblar a censura algorítmica, mas também um deslocamento na *ordem do discurso algorítmico*. Como consequência, surgem novas subjetividades e uma ruptura à vontade de verdade instituída pelo sistema de controle digital.

Como não existe um poder fixo, segundo Foucault (2009), os usuários encontram possibilidades de (re)atualizar essa comunicação virtual, sobretudo, quando se trata de campos que indicam sensibilidade ou apropriabilidade como os da sexualidade e da política (FOUCAULT, 2014). O contorno dessa estratégia vai ampliando interferência das nossas práticas sociais e modos de interação na web, gerando produtividade para os pesquisadores das áreas, principalmente das ciências humanas.

A respeito da produtividade em torno das discussões concernentes a essa temática - *Algospeak* - temos assistido várias pesquisas de países estrangeiros que se debruçaram mais sobre tal questão. No entanto, no caso do Brasil, ainda é muito preliminar esses estudos. Essa lacuna provocou o interesse para a realização deste trabalho.

Diante do levantamento de estudos voltados para essa temática, foram encontrados trabalhos sobre essa linguagem somente com a rede social TikTok, quais sejam, *How Algorithm Awareness Impacts Algospeak Use on TikTok*; e *You Can (Not) Say What You Want: Using Algospeak to Contest and Evade Algorithmic Content Moderation on TikTok*, ambos textos se complementam, tendo em vista ser dos mesmos autores: Steen, Yurechko e Klug (2023). Tais pesquisas apontam que o TikTok e outras plataformas precisam revisar seus métodos de moderação, garantindo que conteúdos legítimos não sejam injustamente censurados. Assim sendo, selecionamos como objeto desta investigação o Instagram, por ser uma das redes sociais mais acessadas pelos brasileiros (PAVEAU, 2022).

Embora Michel Foucault não tenha vivenciado a era das mídias digitais, seu legado inclui a proposição de que a história é marcada por descontinuidades. Essa perspectiva permite analisar como os sujeitos e suas dinâmicas sociais se transformam ao longo do tempo, o filósofo criticou a visão tradicional de uma história contínua, defendendo uma abordagem que valoriza as rupturas nos processos históricos. Ao mesmo tempo, subsidiou a seus sucessores, por meio de sua “caixa de ferramentas”, a realização de um diagnóstico do presente para investigar como as práticas (discursivas e não



discursivas) se relacionam no entrecruzamento do saber-poder, interferindo na vida dos sujeitos e contribuindo para a constituição de novas verdades.

ASPECTOS METODOLÓGICOS: ARQUEOGENEALOGIA FOUCAULTIANA

A análise discursiva de materialidades digitais, como postagens no Instagram, exige um método que permita investigar não apenas as regularidades discursivas, mas também as condições históricas e tecnológicas que viabilizam sua emergência e circulação. O método arqueogenealógico, termo cunhado por Gregolin (2006), combina a análise das formações discursivas e das relações de poder-saber, permitindo compreender os processos de subjetivação. Essa abordagem dialoga diretamente com a caixa conceitual de ferramentas de Foucault.

Congregando com essas discussões, Navarro (2020), problematiza a necessidade de uma ferramenta metodológica que supere as limitações da Análise de Discurso tradicional, ao integrar a arqueologia foucaultiana com a genealogia na investigação das práticas discursivas e não discursivas. Essa inspiração advém dos postulados de Gregolin (2006), que propõe a arqueogenealogia como um método de análise que, ao articular os procedimentos arqueológicos e genealógicos descritos por Foucault, possibilita uma investigação mais ampla dos enunciados, suas condições de emergência e de produção e circulação de vontades de verdade.

Segundo Navarro (2020), ao refletir sobre esse estatuto metodológico dos Estudos Discursivos Foucaultianos, reforça essa perspectiva ao destacar que tal método se fundamenta na descrição das regras de formação discursiva e na análise das práticas que consolidam dispositivos de poder-saber. Essa interseção teórica permite que os discursos sejam analisados não apenas em sua materialidade textual, mas também em sua historicidade e nos jogos de forças que os constituem, mais ainda, na sua condição de acontecimento.

Para isso, adota-se um olhar investigativo que privilegia a interpretação dos enunciados em sua dispersão e descontinuidade, atentando-se especialmente às condições de produção e aos entrelaçamentos discursivos que articulam saber-poder e vontade de verdade.

Essa investigação tem um caráter descritivo-interpretativo de natureza qualitativa e se estrutura na análise dos modos como os algoritmos modulam a circulação dos discursos e como a linguagem *Algospeak* emerge como estratégia discursiva que tensiona os mecanismos de controle. Na interpretação das materialidades discursivas digitais permite, assim, compreender os processos pelos quais determinados sentidos se legitimam ou são marginalizados no espaço midiático e público.



Diante dessas condições de produção analítica, o gesto interpretativo assume papel central na investigação, uma vez que é por meio dele que se torna possível apreender as emergências de sentido, as regularidades e os deslocamentos nas discursividades estudadas.

Nesse sentido, nosso *corpus* é composto por um recorte de quatro materialidades discursivas que se encontram no Instagram do portal de notícias Metrôpoles. Tais enunciados se tornam acontecimentos, pois eles reverberam e mobilizam os campos da política e da sexualidade. Dessa forma, para que fosse garantida a repercussão dos enunciados–acontecimentos, foi necessária a utilização da linguagem *Algospeak*, uma vez que, esses campos do saber sofrem historicamente um processo de interdição, conforme Foucault (2014), nas redes sociais, isso não seria diferente. Além disso, confrontam as diretrizes do Instagram, por isso, esse tipo específico de linguagem é utilizada e produtiva para certos enunciados “e não outros em seu lugar” (FOUCAULT, 2014).

Para este estudo, tratamos o enunciado como o átomo do discurso, a unidade básica de análise, conforme o faz Foucault (2019) na obra “A Arqueologia do Saber”. Todo enunciado se constitui por três características: primeiramente o princípio da **raridade**, que explica a maneira como o sujeito é efetivamente produzido em determinada época. Segundo, trata-se do princípio da **exterioridade**, em que o enunciado deve ser visto em sua descontinuidade, a partir da rede discursiva da história serial, tornando-se ele raro. Por último, o princípio do **acúmulo**, o qual permite os enunciados reverberarem indefinidamente, modificando, agitando e, mesmo arruinando dado momento da história.

Direcionando o olhar para a plataforma Instagram, que contempla as materialidades deste objeto de estudo, destaca-se o artigo da pesquisadora Baracuhy (2020) sobre cartografar práticas discursivas urbanas, a partir das manifestações de rua no Brasil nos anos de 2019-2020, que está publicado na Revista Moara (BARACUHY, 2020), no qual a autora reflete, à luz das proposições foucaultianas, sobre as três características do enunciado: raridade, exterioridade e acúmulo.

O princípio da raridade enunciativa se refere ao fato de que nem todos os enunciados podem emergir em qualquer momento ou época histórica; há condições históricas e relações de poder que determinam quais discursos se tornam visíveis e quais permanecem silenciados.

A exterioridade diz respeito às relações que os enunciados estabelecem com outros, formando um **campo associado ou espaço colateral**, em virtude de “um enunciado tem sempre margens povoadas por outros” (FOUCAULT, 2019, p. 118). Por fim, a citada autora traz o “efeito-acúmulo”, a partir do estudo das *hashtags*, que “entram na ordem das contestações e das lutas e tornam-se tema de apropriação ou de rivalidade” Entre o enunciado e o que ele enuncia, há necessariamente uma relação que envolve os sujeitos, a história e a memória” (BARACUHY, 2020, p. 134).



MOVIMENTOS EMBRIONÁRIOS PARA A DELIMITAÇÃO DE UMA ORDEM DO DISCURSO ALGORÍTMICO NO INSTAGRAM

As nossas materialidades foram selecionadas a partir do levantamento de dados que fizemos no perfil de notícia @metropoles, na rede social Instagram, a princípio procurando diagnosticar no interior das publicações veiculadas, enunciados contendo a utilização da linguagem *Algospeak*. Para tal finalidade, considerando a quantidade expressiva de publicações da página, que se explica justamente por sua função de informar o que acontece no mundo instantaneamente, estabelece-se uma periodização. Assim sendo, foram verificadas apenas as publicações relativas a meados de 2023 e meados de 2024. Durante a coleta das materialidades, encontramos uma regularidade condizente com aquilo que afirma Foucault sobre *A Ordem do Discurso* e as regiões em que os poderes dessa ordem se exercem com mais vigor:

as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da **sexualidade** e as da **política**: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou netro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais tempiveis poderes. (FOUCAULT, 2014, p. 9)

Reafirmando que a temática que aborda a sexualidade e a política são as regiões mais afetadas por uma ordem do discurso, identificamos um número aproximado de 300 publicações, sendo por volta de 200 palavras referentes à temática da sexualidade e 100 da política. Diante dessa conjuntura, decidimos analisar, neste estudo, somente enunciados que contém a *linguagem Algospeak* através de palavras relacionadas ao tema da sexualidade. Além do que, dada a extensão do presente gênero acadêmico, para esta análise foram consideradas apenas quatro materialidades, as quais julga-se serem suficientes para atender ao nosso propósito. Tais enunciados discursivos foram escolhidos, e não outros em seu lugar, pois tratam de acontecimentos que tiveram vasta repercussão midiática.

Enunciado 1: “Estudante denuncia professor da UEPB por **ass3dio** durante cerimônia”.

Enunciado 2: “Carmo Dalla Vecchia se manifesta sobre ataque **homofób1co** de Emílio Surita”.

Os dois enunciados apresentados estão dispostos em *Reels* no perfil @metropoles no Instagram. O *Reels* do Enunciado 1 notícia o fato ocorrido em 24 de novembro de 2023, em que uma aluna da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) denunciou, durante uma mesa-redonda de um congresso que acontecia no Campus de Guarabira-PB, estar sofrendo abuso por um de seus professores. Ela aproveitou



a oportunidade para relatar a situação e denunciar o assédio sofrido por outras meninas/mulheres, além de fazer uma crítica à universidade, que tentava encobrir o crime do professor.

O *Reels* do Enunciado 2 apresenta o posicionamento do ator global Carmo Dalla Vecchia sobre o ataque homofóbico do jornalista Emílio Surita, durante a transmissão do programa Pânico da Jovem Pan (rede de rádio e TV comercial brasileira), no dia 23 de julho de 2024, contra Marcelo Cosme, da Globonews. No *Reels*, Dalla Vecchia critica a forma pejorativa com a qual Emílio tratou Marcelo, fazendo uma analogia a sua orientação sexual (gay). O ator reforçou que ainda há muito ódio destilado à comunidade LGBTQIAPN+, provocadas exatamente por posturas como a de Emílio, que por meio de seu discurso e visibilidade tentou invalidar o sujeito Marcelo - gay - e o limitar enquanto profissional.

Analisando os enunciados discursivos, que aparecem em cada um dos *Reels*, notamos que as palavras “assédio” e “homofóbico” estão codificadas pela linguagem *Algospeak*: “Estudante denuncia professor da UEPB por **ass3dio** durante cerimônia”; “Carmo Dalla Vecchia se manifesta sobre ataque **homofób1co** de Emílio Surita” (grifos nossos). Essa utilização se dá em razão das Diretrizes da Comunidade do Instagram, discurso jurídico-normativo pelo qual os algoritmos se guiam para organizar, controlar e ordenar a plataforma.

Nesses enunciados, identificamos a manifestação do procedimento de controle foucaultiano conhecido como **interdição** (FOUCAULT, 2014), que delimita os limites do discurso ao estabelecer o que pode ou não ser enunciado. Essa interdição se articula com o **tabu do objeto**, que define determinados temas como sensíveis ou inapropriados, restringindo sua circulação. Nas condições do Instagram, essas palavras codificadas emergem como uma estratégia de resistência à censura algorítmica, uma vez que certos termos são associados a discursos de ódio ou conteúdos sensíveis e, por isso, proibidos pelas diretrizes da plataforma. Assim sendo, ao mesmo tempo em que a ordem do discurso algorítmico impõe barreiras ao que pode ser expresso, os usuários desenvolvem mecanismos linguísticos alternativos para contornar tais restrições, apontando para uma tensão contínua entre controle e evasão no ambiente digital.

Ao mesmo tempo, observa-se a existência de um **ritual da circunstância**, condicionado pela ordem algorítmica. Como os algoritmos são projetados para identificar padrões e repetições, a recorrência de certas palavras “proibidas” pode resultar em sanções automáticas, independentemente do contexto em que são utilizadas. Dessa forma, a proibição não incide apenas sobre os termos em si, mas também sobre sua repetição em determinadas circunstâncias, tornando a expressão ainda mais regulada. Isso leva à necessidade de constante variação lexical por parte dos usuários, que recorrem a modificações no interior das expressões para escapar da detecção algorítmica. Assim, o discurso se



adapta estrategicamente às restrições impostas, mostrando a dinâmica de vigilância dos algoritmos. Veja-se a seguinte exemplificação:

Enunciado 3: “Dona Déa detona Emílio Surita após piada **homofóbic4** como Marcelo Cosme”.

No *Reels* do Enunciado 3, Dona Déa, humorista e mãe do ator Paulo Gustavo (in memoriam), também se posiciona em relação ao fato ocorrido entre os jornalistas Marcelo Cosme e Emílio Surita. Dona Déa, que lidava muito bem com a homossexualidade de seu filho, mostra indignação e repúdio ao que disse Emílio Surita.

O que tem de novidade nesse *Reels* e que nos chama a atenção, está em seu enunciado principal: “**Dona Déa detona Emílio Surita após piada homofóbic4 como Marcelo Cosme**”. Constatamos que a palavra homofóbica está grafada diferentemente da que se apresenta no *Reels* do Enunciado 2; e isso se repete com outros exemplos.

Os organizadores da página reconhecem a habilidade do algoritmo em capturar movimentos repetidos. Dessa forma, a circunstância sugere uma variação na codificação, para tentar dificultar o reconhecimento e, conseqüentemente, o controle pelos algoritmos. Vale ressaltar que há um aprimoramento na programação desses algoritmos, por meio da IA, para detectar mais facilmente essas codificações. Fator esse contribuinte para que haja ainda mais criatividade na (re)atualização desses códigos por parte dos sujeitos, como foi possível observar em homofób1co e homofóbic4.

No tocante à análise do **direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala**, concedido pela *ordem do discurso algorítmico*, é possível fazer os seguintes apontamentos: preliminarmente, entende-se que o direito é dado pelo algoritmo quando determinada informação e/ou assunto circula, reverbera. No entanto, quem ou o que os algoritmos fazem circular? Geralmente perfis com elevado número de seguidores, pessoas influentes, instituições, grandes corporações, etc.

O portal de notícias digital @metropoles contempla alguns desses requisitos, pois possui uma grande quantidade de seguidores, 4 milhões e 100 mil à época da circulação do Reels, além de ser o terceiro suporte de veiculação de notícias mais visto no Brasil. Isso é algo extremamente sugestivo para o algoritmo, uma vez que ele reconhece se tratar de um perfil midiático relevante e, por esta razão, dá o direito de a informação ser repassada e atingir mais pessoas.

As publicações precisam também ser sugestivas e apresentar relevância para os algoritmos, tanto em relação ao assunto abordado, quanto aos sujeitos e instituições que atravessam o discurso digital.

No *Reels* do Enunciado 1, a protagonista é uma estudante anônima, mas por envolver uma instituição consideravelmente prestigiada, que detém poder e saber, lhe é conferido o direito de dizer



pela *ordem do discurso algorítmico*, que por meio do perfil de notícia @metropoles (é importante frisar a pertinência desse suporte), o vídeo alcança 1 (um) milhão de visualizações, 56.800 (cinquenta e seis mil e oitocentas) curtidas e 13,8 (treze mil e oitocentos) mil compartilhamentos - na data de 20 de dezembro de 2024 .

Por outro lado, os *Reels* dos enunciados 2 e 3, apresentam dois sujeitos celebridades, legitimados pela instituição midiática: um ator global de renome - Carmo Dalla Vecchia, e a mãe do humorista Paulo Gustavo - Dona Déa, também nacionalmente reconhecida. Ou seja, o algoritmo confere a esses sujeitos o direito privilegiado do dizer, por reconhecer a relevância e a popularidade de ambos no mundo midiático.

Ainda com relação aos *Reels*, há sujeitos que são desprivilegiados do direito exclusivo à fala, isto é, os que se encontram à margem da sociedade, designados por Foucault (2006a) de “vozes infames”, como os negros, mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, povos originários, entres tantos. Nos *Reels* dos enunciados 2 e 3, quando se faz necessário codificar a expressão “homofóbico”, entende-se que a programação algorítmica foi criada sob um discurso atravessados por padrões homofóbicos, impossibilitando a denúncia e o direito à voz desses sujeitos. Outro exemplo que pode complementar nossa discussão está em um comentário do *Reels* 1:

Enunciado 4: [...] Fui aluno e servidor de Universidade e peguei desde r@acismo a assédio moral. Me forcei a procurar outro emprego e a evoluir profissionalmente. A UFS tb* falhou comigo.

A codificação da palavra “racismo” sugere também a exclusão desses sujeitos da ordem do discurso algorítmico, colocando-os à margem das normas que regulam a enunciação do Instagram. Esse processo os priva do direito de falar com a legitimidade conferida aos discursos hegemônicos, restringindo seu acesso a um espaço de fala privilegiado ou exclusivo. Dessa forma, a interdição não apenas silencia determinados termos, mas também reforça desigualdades discursivas, determinando quem pode enunciar certas questões e sob quais condições esse discurso será validado ou censurado.

Os algoritmos contribuem para a constituição de uma nova **vontade de verdade** midiática, pois definem quem pode e o pode ser dito nas plataformas e redes sociais. Essa vontade de verdade tem agido principalmente sobre as subjetividades dos sujeitos, que se apropriam de tal verdade e se adaptam a ela para não sofrerem repressão ou serem cancelados.

Os algoritmos contribuem para a constituição de uma **nova vontade de verdade midiática**, pois determinam não apenas **quem pode falar**, mas também **o que pode ser dito** nas plataformas e redes sociais. Inspirado no conceito foucaultiano de *vontade de verdade*, esse novo regime discursivo



estabelece critérios automatizados de validação e exclusão, moldando a circulação dos conteúdos. Essa vontade de verdade tem agido de forma mais profunda nos usuários, influenciando suas **subjatividades**, que tendem a seguir essas regras e se ajustar ao seu discurso para evitar punições, repressão social ou o risco de banimento.

Entretanto, a linguagem *Algospeak* também se inscreve no regime de verdade da época, emergindo como uma estratégia dos sujeitos para contornar as restrições impostas pela ordem do discurso algorítmico. Dessa maneira, os usuários recorrem a essa linha de fuga, ora citado por Deleuze (1990), como um meio de subverter a vigilância automatizada e, por conseguinte, “escapar” dela. No entanto, essa aparente liberdade é paradoxal, pois, embora possibilite a circulação de discursos interditados, ela ainda opera dentro dos limites estruturados pelo próprio sistema de controle. Logo, como aponta Foucault (2019), não há uma liberdade absoluta acessível ao sujeito, apenas novas formas de negociação dentro das estruturas de poder que moldam a comunicação na era digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os algoritmos instauram no Instagram uma (nova) ordem do discurso capaz de organizar, controlar e produzir a dinâmica dos sujeitos na plataforma. Foi possível observar que esse sistema de programação interfere diretamente na constituição das subjatividades (outras) dos usuários, que precisam se adaptar ao regime de verdade imposto para uma comunicação digital. Assim, a discussão reflete um diagnóstico do tempo presente que apresenta como os discursos são cerceados por uma tecnologia inovadora, aliada à inteligência artificial, sobretudo na maneira que os sujeitos têm encontrado para subverter esse controle contínuo.

Dentro da heterogeneidade do ambiente digital, identifica-se uma linguagem que tensiona as estruturas desse sistema algorítmico implantado no Instagram - a *Algospeak*. Essa forma de codificação ressignifica as práticas discursivas de saber-poder, permitindo, aos sujeitos, driblar os mecanismos de monitoramento e atuar com “liberdade” no espaço digital. Portanto, apesar da instituição midiática possuir modos de objetivação coercitivos e normalizadores, mesmo assim, os sujeitos engendram códigos inventivos para se subjetivar.

A originalidade desta pesquisa reside na abordagem dessa linguagem sob a perspectiva linguística, um fenômeno ainda pouco explorado por pesquisadores da área, especialmente no Brasil. Ao analisar como os usuários das redes sociais reinventam a linguagem para driblar restrições algorítmicas, este estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a dinâmica discursiva em ambientes digitais.

Diante do exposto, estudos futuros podem explorar a interseção entre Linguística, algoritmos e



Ética, a fim de compreender como modelos de aprendizado de máquina interpretam e respondem a esses usos subversivos da linguagem. Outra vertente promissora é a realização de pesquisas comparativas entre práticas de algospeak em distintas comunidades linguísticas, o que pode revelar padrões globais e locais na produção e circulação de sentidos em condições de produção nos ambientes digitais.

REFERÊNCIAS

BARACUHY, R. “Cartografias da Resistência: as vozes das manifestações de rua”. **Revista Moara: Estudos Linguísticos**, vol. 1, n. 57, 2020.

BINDER, J. M. **Language and the Rise of the Algorithm**. Chicago: University of Chicago Press, 2022.

CORMEN, T. H. *et al.* **Algoritmos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2002.

DELEUZE, G. “O que é um dispositivo?” *In*: DELEUZE, G. **Michel Foucault, Filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DONEDA, D.; ALMEIDA, V. A. F. “O que é a governança de algoritmos?” **Politics** [2016]. Disponível em: <www.politics.org.br>. Acesso em: 24/12/ 2024.

FOUCAULT, M. “A vida dos homens infames”. *In*: MOTTA, M. B. (org.). **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, M. “O que são as Luzes?” *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2019.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GREGOLIN, M. R. “O enunciado e o arquivo: Foucault (entre) vistas”. *In*: SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (orgs.) **Michel Foucault e os domínios da linguagem: Discurso, Poder, Subjetividade**. São Carlos: Editora Claraluz, 2004.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

GROS, F. **Desobedecer**. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

ISAM, H. “Algospeak and digital culture: navigating social media challenges”. **Proceedings of the**



Third International Conference on Communication, Language, Literature, and Culture. France: ICCoLiC, 2024.

JESUS, V. C.; SILVA, F. V. “Da formação do objeto às estratégias biopolíticas: discursos sobre a pobreza menstrual em materialidades jornalísticas digitais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 42, 2023.

NAVARRO, P. “Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos”. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, vol. 1, n. 57, 2020.

PASQUALE, F. **The Black Box Society: The Secret Algorithms That Control Money and Information.** Cambridge: Harvard University Press, 2015.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas.** Campinas: Editora Pontes, 2022.

STEEN, E.; YURECHKO, K.; KLUG, D. “You Can (Not) Say What You Want: Using Algospeak to Contest and Evade Algorithmic Content Moderation on TikTok”. **Social Media + Society**, vol. 9, n. 3, 2023.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 21 | Nº 62 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima